

O JORNALISMO SOB A ÓTICA AFROCENTRADA E FEMINISTA DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS ALMA PRETA E SEU MANUAL DE REDAÇÃO

Elaine Barcellos de Araújo[1]

RESUMO
Djamila Ribeiro[2], no conjunto de suas obras, indica e comprova que o racismo atravessa as nossas vidas, a de sujeitos negros. Ao fazer o recorte de gênero e classe, a violência racial é ainda mais impactante. Sendo o racismo algo estrutural, são situações que estão ao lado de mulheres negras em seus ambientes de trabalho. Logo, na indústria midiática, essa herança colonial tende a cair e recair sobre jornalistas pretas e pardas na forma de silenciamentos. Considerando esses atravessamentos, entre outros aspectos, este artigo se propõe a destacar como o jornalismo negro da Agência de Notícias Alma Preta, por meio do seu manual de redação antirracista, consegue estabelecer uma nova ordem profissional ao focar sua atuação em uma cultura midiática afrocentrada e feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Jornalismo; Manual de redação antirracista; Raça; Agência de notícias Alma Preta.

O JORNALISMO DE ALMA PRETA

> “Através dos estudos decoloniais e feministas, entendemos que a reprodução das ideologias, como a do machismo e do racismo, no jornalismo se dá informada por uma racionalidade colonizadora limitantes para a compreensão da alteridade.” (BOMFIM et al, 2021, 113p).

O jornalismo brasileiro tem raça, gênero e origem e isto já não traz mais surpresas a ninguém. São ideologias que estão calcadas na sociedade e na indústria midiática, embasando o movimento da decolonialidade de muitas agências do jornalismo alternativo. Em Enquadramento no Jornalismo Feminista: considerações sobre um percurso teórico-metodológico, a mestra em jornalismo Jaqueline Andriolli Silva e a professora pós-doutora em jornalismo, Karina Janz Woitowicz, avaliam que o “campo do jornalismo tem reconsiderado as noções clássicas de objetividade, neutralidade e imparcialidade e essa contribuição envolve as discussões propostas por

[1] Mestranda em jornalismo pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR. E-mail: elaine.barcellos@gmail.com.
[2] Djamila Taís Ribeiro dos Santos é pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), feminista negra e escritora.

mulheres jornalistas e feministas históricas" (2024, p.92). Ao citarem Jessica Gustafson Costa (2018) sobre jornalismo feminista, as pesquisadoras refletem ainda sobre a importância da "relação de portais com abordagens que consideram diversos marcadores sociais e a forte presença da perspectiva feminista interseccional", o que cada vez mais vem sendo considerado pelas mídias alternativas no processo de desconstrução de estereótipos de gênero. No caso da Alma Preta, uma empresa jornalística especializada na temática racial, a motivação de sua atuação é construir um novo formato de gestão de processos e pessoas através do campo da comunicação, que seja decolonial. Principalmente se considerarmos que o jornalismo é uma ciência social aplicada com o dever de informar com qualidade e relevância à coletividade, considerando a agenda pública.

A partir dessas reflexões iniciais e das referências que constam neste documento, este estudo pretende avaliar como se estabelece a convergência jornalística (combativa ao racismo estrutural e às violências de gênero impostas às profissionais da notícia, além de outras desigualdades sociais no país), por meio de uma breve revisão bibliográfica como método teórico-metodológico. Especificamente, o objetivo de estudo é o manual de redação antirracista da Agência de Notícias Alma Preta (AP). A ideia é destacar como o jornalismo negro, por meio do documento de normas de trabalho, consegue estabelecer uma nova ordem profissional ao focar sua atuação em uma cultura midiática afrocentrada e feminista.

> "Não há possibilidade de se viver em um regime democrático com o atual estado de diferenças existente no Brasil. A redação também tem o compromisso de romper com o atual modelo econômico vigente no país, responsável por fomentar e estimular a concentração de renda, a exploração da classe trabalhadora, as desigualdades sociais e a violência contra o povo negro", registra a equipe da AP no documento de redação. (MANUAL DE REDAÇÃO ANTIRRACISTA, 2023, p.8)

Conforme o posicionamento que a AP coloca para seus colaboradores no documento de orientação, cada repórter deve se tornar um agente para a reconstrução democrática, buscando contribuir para a garantia direitos humanos, civis e sociais. De acordo com o manual, cabe a todas e todos, o compromisso de enfrentar esse ambiente de injustiças, em especial nos territórios onde não são vigentes o estado democrático de direito no país. O estudo de caso também poderá apresentar outras abordagens interseccionais a serem analisadas, tais como os de classe e religião.

De acordo com o manual, o jornalismo é uma ferramenta de transformação social. Por isso, diferentemente do que prega o senso comum da profissão, de que a cobertura jornalística é um espelho da sociedade e deve buscar a neutralidade e a imparcialidade, o trabalho da Alma Preta denuncia as desigualdades de raça, classe, gênero, sexualidade, região, entre outros. Como uma das ações implantadas pela agência, a escrita do guia adotou o gênero feminino na sua formatação. Para a equipe, essas medidas vão ao encontro de outras orientações que visam à inclusão, o acolhimento de demandas de outros coletivos de lutas, assim como a acessibilidade.

> “Optamos pelo uso do feminino como pronome neutro, de forma a romper com uma estrutura de linguagem que reproduz o masculino como universal. Essa prática, ainda que não seja o padrão para os textos jornalísticos da Agência, propõe o exercício do incômodo e do questionamento de opressões estruturais da sociedade. Foi uma escolha política e uma forma de expressão dos anseios deste Manual. Não se busca negar o uso de outros pronomes neutros, mas propor novas formas de leitura de textos formais e jornalísticos”. (MANUAL DE REDAÇÃO ANTIRRACISTA, 2023, p. 6)

Grande parte das 263 páginas do Manual de Redação Antirracista Alma Preta guarda orientação técnica do jornalismo. Orientações como conceitos e termos técnicos, assim como a forma que os repórteres da agência devem aplicar as orientações na redação. O que nos chama atenção também é que o editorial da AP ressalta a importância de cada integrante da empresa em conhecer a história da imprensa negra, aliado ao compromisso ético, e as técnicas jornalísticas. Os editores afirmam que desta forma, “a equipe editorial poderá produzir notícias para denunciar as situações de violência sofridas pela população negra e transformar a realidade” (MANUAL DE REDAÇÃO ANTIRRACISTA, 2023, p. 79). Além disso, a partir da página 128, o manual orienta como a Alma Preta deve cobrir eventos de diversas áreas e assuntos, tais como carnaval, acessibilidade e inclusão, religião, esporte, entre outros, que seguem a abordagem afrocentrada e de gênero.

Faz-se necessário ressaltar ou lembrar que este manual da AP não é o único documento que rege os profissionais da notícia. Existem outros guias, também de outras empresas de comunicação, que orientam suas equipes a evitar erros que discriminam ou estimulam preconceitos. O Minimanual de Jornalismo Humanizado, da

ONG Think Olga[3], é um desses exemplos. Dividido em sete partes, o documento reúne dicas para jornalistas e veículos que desejam limpar sua comunicação de preconceitos. O primeiro deles traz questões relacionadas à violência contra as mulheres, por meio do conjunto de regras básicas para evitar erros clássicos na abordagem de notícias sobre nós, mulheres. Já os outros seis minimanuais tratam de temas como Capacitismo, LGBTQIA+, Estereótipos Nocivos, Aborto, Racismo e Jornalismo Esportivo.

Em Manuais de Redação e Jornalistas: estratégias de apropriação, o professor Marcelo Engel Bronosky questiona a função única e linear desses documentos como instrumentos estanques de regras e normas jornalísticas com o objetivo de conformar as ações dos profissionais da notícia. Para BRONOSKY (2010, p.53), ao considerar os processos complexos onde os manuais estão inseridos e formados, esta ferramenta passa a fazer parte das disputas estruturantes no campo jornalístico. Assim como também, ao serem apropriados pelos jornalistas passam a integrar e circular o sistema midiático, articulando relações entre os atores envolvidos.

> "É dentro desse processo de produção jornalística que o manual de redação é operado não mais como fora determinado pelos interesses de seus idealizadores, ou mesmo como fora definido pelas instituições jornalísticas, mas a partir das lógicas de seus usuários, dos jornalistas que cotidianamente trabalham as regras, negociando os múltiplos interesses envolvidos nos processos de produção." (BRONOSKY, 2010, P.61)

Por fim, é nessa proposta de convergência jornalística, por meio do instrumento de regras e normas criado pela Agência Alma Preta, sob a ótica de estratégias de apropriação e transformação problematizado por Bronosky, que vamos conduzir esse estudo sobre o manual de redação antirracista da AP. A expectativa é que possamos confirmar a eficiência do instrumento no processo de transformação da cultura midiática colonizada para um cenário mais plural e democrático de fato, a partir desta proposta de prática jornalística.

O documento de trabalho e luta criado pela Alma Preta foi desenvolvido para suprir algumas demandas compartilhadas por gerações de jornalistas e comunicadores negros, como "o desejo de reunir os aprendizados da população negra

[3] Think Olga é uma "organização de inovação social que utiliza a comunicação como principal ferramenta, aliada à tecnologia e estratégias de educação, para criar impacto positivo na vida das mulheres do Brasil e do mundo". Saiba mais em thinkolga.com/quem-somos/

ao longo da história da imprensa e a criação de paradigmas para servir de norte para as práticas da mídia negra". Essa é a ferramenta idealizada, pensada e construída pelo coletivo para ser aplicado nos espaços de trabalho para suprir demandas diversificadas, que também conversam com outros campos do conhecimento. Ao propor transformações no campo, esse lugar também precisa ser uma cultura convergente, para que os processos corporativos e alternativos se cruzam, e os poderes de mídia e de públicos interajam entre si. Tudo isso aliado à potência que vem do coletivo Alma Preta, potencializado pelo seu instrumento tecnológico, cultural e social que é o manual, bem como apontam as ideias de Henry Jenkins (2013) sobre convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva.

REFERÊNCIAS

BRONOSKY, M. E. **Manuais de redação e jornalistas:** estratégias de apropriação. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

JENKINS, Henry. **Venere no altar da convergência: um novo paradigma para entender a transformação midiática**. In: Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2013.

MORAES, F. e VEIGA DA SILVA, M. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora.** BOMFIM, Ivan (org.) et al. In: Mídia e Zeitgeist. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

Manual de Redação: O jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta. Agência Alma Preta, 2023, 263p. Disponível em https://almapreta.com.br/sessao/agenda/alma-preta-lanca-manual-de-redacao antirracista-em-brasilia/ Acesso em 6 nov. 2024.

SILVA, Jaqueline andriolli; e WOITOWICZ, Karina Janz. ENQUADRAMENTO NO JORNALISMO FEMINISTA: considerações sobre um percurso teórico-metodológico. **REVISTA MEDIAÇÃO:** v.26, n.37, p.89-99, Jul./Dez. 2024.

THINK OLGA. **Tudo sobre a Think Olga.** Disponível em: https://thinkolga.com/. Acesso em: 23 mar. 25.